

## **O cotidiano na várzea amazônica percebido pelas crianças**

### **Children's perceptions of the daily life in the Amazon floodplain**

Recibido: 21 de Abril del 2021| Aceptado: 30 de Junio del 2021

Elisa F. J. Zacarias<sup>1</sup> y Maria I. G. Higuchi<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Doutoranda em programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas (PPG-CASA/UFAM- Avenida General Rodrigo Octávio, 6200, Coroado I, Campus Universitário).*

<sup>2</sup>*Pesquisadora do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Professora do PPG-CASA- Universidade Federal do Amazonas (UFAM - Avenida General Rodrigo Octávio, 6200, Coroado I, Campus Universitário).*

Correio eletrônico: [elisa.justulin@gmail.com](mailto:elisa.justulin@gmail.com)

#### **Resumo**

O foco desse estudo é contribuir para a compreensão da relação criança-ambiente, a partir do cotidiano vivido em uma comunidade da várzea no interior do Amazonas, que se distingue pela sazonalidade da cheia e vazante dos rios. Participaram do estudo 54 crianças, sendo 18 meninas e 36 meninos, com média de idade de 10 anos (dp: 2,5). A partir da análise de conteúdo dos dados obtidos em entrevista semiestruturada emergiram três categorias perceptivas do cotidiano: a categoria nomeada “singular”, manifestada em 40,7% das crianças, percebe o cotidiano permeado por atividades e vivências positivas. Na categoria “habitual”, o cotidiano é descrito como um lugar como qualquer outro para se viver, foi constatada por 37% das crianças. Na categoria “de diligência”, identificada em 22,2% das falas, ressalta-se vivências marcadas pelas demandas próprias de um ambiente de várzea. As diferentes percepções do cotidiano estão correlacionadas com a escolaridade e faixa etária.

*Palavras-chave: Infância, vivências, percepção de cotidiano, comunidade ribeirinha.*

#### **Abstract**

This study contributes to the understanding of the child-environment relationship, based on the daily life lived in a lowland community in the interior of Amazonas, Brazil, which is distinguished by the seasonality of the flood and ebb of rivers. Among the 54 participants in the study, 18 were girls and 36 boys, with an average age of 10 years (SD: 2.5). From the content analysis of the data obtained in a semi-structured interview, three perceptual categories of everyday life emerged: the category named “singular”, manifested in 40.7% of the children, the daily life is permeated by activities and positive

experiences. In the “habitual” category, daily life is described by 37% of children, as a place like any other place to live. In the “of diligence” category, identified in 22.2% of the children, experiences marked by the demands of a lowland environment stand out. The different perceptions of daily life are correlated with education and age range.

*Keywords: Childhood, experience, perception of daily, riverside Community.*

## Introdução

O termo cotidiano designa algo comum, corriqueiro ou rotineiro. Devido a esse entendimento, muitas vezes, o estudo do cotidiano foi preterido pela ciência, por ser considerado campo do senso comum. Contudo, a existência humana se processa no cotidiano, é no desenrolar dos dias que as pessoas sentem, imaginam, agem, entendem e dão sentido à vida (Rieper, 2001). Pode-se dizer que é o chão-da-vida. Assim, é preciso evitar o equívoco de pensar que as ações, por serem cotidianas, são apenas uma repetição inconsciente. Ora, o domínio de tais ações, que integram os hábitos cotidianos, possuem seu lado ativo e, portanto, acarreta ação, afetividades e racionalidades.

É na vivência do cotidiano que as pessoas constroem significados a partir do seu agir (Goffman, 1975; Melucci, 2005; Stecanela, 2009). Apesar de diferenças, o cotidiano está presente no burburinho citadino e na quietude das localidades rurais. Nas cidades o cotidiano ocorre imerso num ambiente predominantemente construído, enquanto nas pequenas comunidades amazônicas o cotidiano é pautado numa relação intrínseca com o ambiente natural. Nesses lugares onde o rio e a floresta se impõem, o mundo de fora chega em pedaços e atinge os moradores de formas variadas. Ali as crianças crescem e se distinguem como cidadãs que formulam ideias sobre o mundo socioambiental, o seu e o do outro. Ao compreender esse processo, estamos não apenas desvelando cotidianos diferenciados, mas a formação da própria pessoa e como ela se posiciona em relação às outras que se constituem noutros lugares. Com isso em mente, o presente estudo traz esse cotidiano ribeirinho da várzea sob o olhar das crianças.

Ao longo do desenvolvimento humano, as relações estabelecidas com distintos ambientes, desvelam como os ajustes comportamentais implicam na formação identitária que inclui sobremaneira as experiências vividas na infância num dado lugar. As características do ambiente físico são, por conseguinte, aspectos de formação da própria pessoa (Fischer, 1994; Moser, 2003, 2018). Isso inclui a formação de identidades de lugar, ou identidades, que confere pertencimento social desde os primeiros anos da infância (Günther et al., 2003; Sartor, 2018; Urquhart & Acott, 2013). Deste modo, a localidade desvela que, intrínseca à estrutura física de um determinado lugar, estão os processos socioculturais que o produziram (Higuchi et al., 2013). Por essa razão o espaço informa os elementos constitutivos da identidade da pessoa (Higuchi, 2003).

O ambiente no interior amazônico se distingue pela onipresença dos rios e da floresta, associada a grandes distâncias de acesso. De maneira geral, pode-se dizer que ao longo dos rios na Amazônia há dois ecossistemas distintos: várzea e terra-firme. A

várzea é área de planície situada às margens dos rios, regida pelo regime pluvial e sujeita a inundações periódicas. Já terra-firme se constitui em áreas altas, não alagáveis. Tanto a terra-firme como a várzea possuem ecossistemas diferenciados, assim como cobertura vegetal e composição de solo distintos (Alencar, 2005; Calegare, 2012; Fraxe, 2000; Lima, 2005; Neves, 2005). Deste modo, o ambiente rural amazônico é um mundo de terras, florestas e águas que combinados, organizam o local de trabalho e vida (Witkoski, 2010).

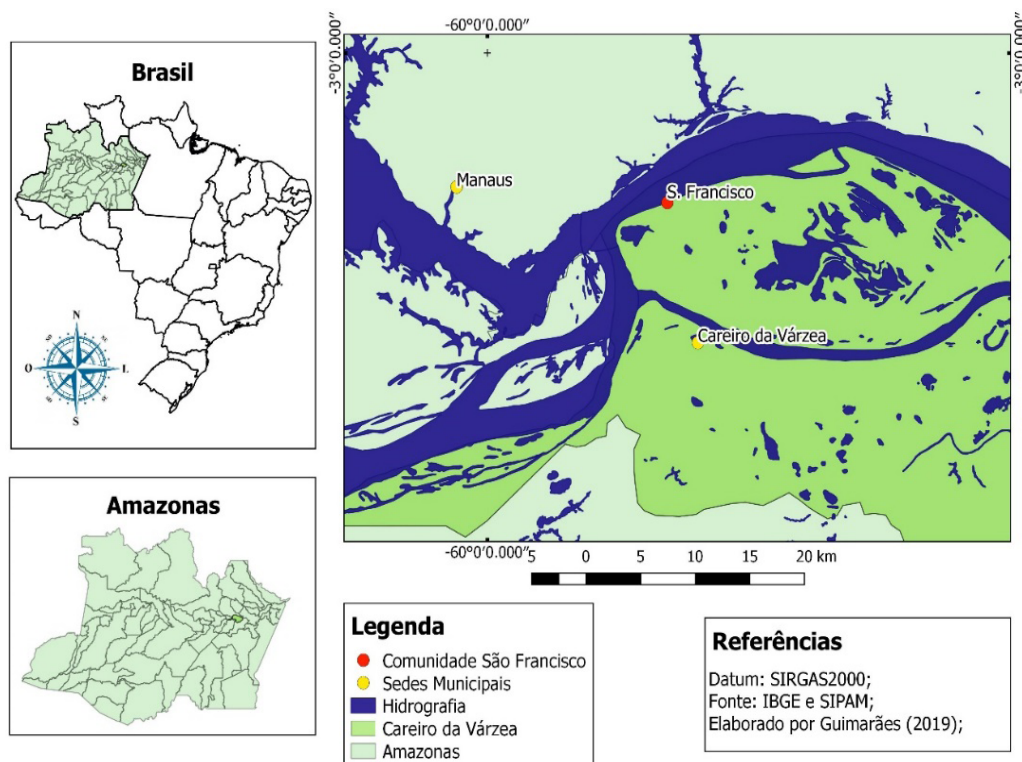
Apesar de haver diferenças específicas entre viver numa comunidade ribeirinha na calha do rio Negro ou na calha do rio Solimões (rios que formam a coluna vertebral hidrológica da Amazônia), há uma certa unidade que faz com que se reconheça esse modo de vida dos habitantes, elencado em uma única categoria, a de ribeirinho (Calegare, 2012; Fraxe, 2010; Harris, 2006). Pertencer a uma comunidade ribeirinha é ter uma identidade que extrapola o território circunscrito, é estar vinculado por laços de parentesco e afinidade com a terra e a água ao mesmo tempo. É estabelecer relações com as demais comunidades – que mesmo possuindo semelhanças, são diferentes. Trata-se de uma construção social que confere a seus membros direitos especiais, até certo ponto, intangíveis aos que são “de fora”.

É importante ressaltar, que as comunidades não são estáticas e/ou fixas, assim como seus moradores mudam de lugar dentro da comunidade devido aos fenômenos advindos pelo regime fluvial, estes também se deslocam para outras localidades ou cidades, continuamente reestabelecendo e recriando processos de pertencimento desse mundo amazônico (Schweickardt, 2014).

Acompanhando os adultos, as crianças se inserem nesse ambiente terra-água com desenvoltura. No movimento de vivências, cada grupo social expressa aspectos socioculturais que são processados pelas crianças (Dewey, 2020). As subjetividades infantis elaboradas acerca do lugar são associadas aos aspectos que materializam essa condição (Lopes & Vasconcellos, 2006). A criança aprende a se relacionar com o entorno, sentindo o clima, se molhando nos rios, andando pela mata procurando por frutas ou lugares de aventura e entretenimento, correndo riscos e se movimentando entre as casas e comunidades de canoa ou caminhando. Dessa forma, compreender a relação criança-ambiente na várzea nos leva a apreender seu cotidiano e, assim, contribuir para desvelar os aspectos de afinidade com o lugar e de si próprio como pessoa. Essa condição de afetos e racionalidades sobre o lugar, em construção desde a infância, pode resultar em cuidado especial pelo lugar em que vive (Martin et al., 2020; Pinheiro, 2019; Scannell & Gifford, 2010; Uzzell et al., 2002; Vaske & Kobrin, 2001).

### ***Sobre o Lugar da Comunidade***

A Comunidade de São Francisco da Costa da Terra Nova está situada na porção ocidental da ilha do Careiro da Várzea, região metropolitana da cidade de Manaus (Figura1). A Costa da Terra Nova é uma ilha localizada na margem direita do Rio Amazonas, a 25 Km de Manaus.

**Figura 1***Localização da Comunidade São Francisco da Costa da Terra Nova*

Na Comunidade São Francisco as moradias estão linearmente posicionadas em frente ao Rio Amazonas, mais especificamente na linha do *encontro das águas* (fenômeno natural em que se observa o encontro das águas do rio Negro que possui água preta e rio Solimões, que apresenta água de coloração marrom, formando a partir daí o Rio Amazonas). Como característica peculiar ao ambiente amazônico, as casas são do tipo palafita, cuja arquitetura permite não serem alagadas durante o período de cheia (Fraxe, 2010; Higuchi et al., 2013; Moreira, 2017).

O regime hidrológico promove implicações no cotidiano desses comunitários, pois nos períodos de seca e vazante a paisagem transforma-se com o surgimento de lama e praias, estendendo-se por vários quilômetros para se ter acesso ao porto. Para entrar em casa, longas passarelas são construídas. Nessa época o deslocamento dos moradores dentro da comunidade é realizado por caminhos de terra, a pé ou com motocicletas e bicicletas. Não há veículos na comunidade, nem ruas para esses se

movimentarem apenas caminhos. Nos períodos de cheia, quando ocorre a inundação das terras, a água está na porta das casas. A locomoção que antes exigia caminhadas, agora é feita por meio de canoas movidas a remo ou pequenos motores adaptados na rasa canoa, chamada de rabeta (Fraxe, 2010; Moreira, 2017; Silva, 2017).

Junto com o movimento da terra e água as crianças também se movimentam dispendentemente entre as casas, rios e mata, de modo que o espaço ganha novas dimensões, não apenas na paisagem, mas também no tempo. Quando a água está cobrindo o chão de

sua comunidade, tudo é perto, mas quando a terra cobre o chão, tem-se um alongamento das distâncias. Com a água desaparece o campo de futebol, o quintal, a horta e o parque. Abre-se, no entanto, outro horizonte, onde a água, agora no comando, permite adentrar em novos espaços. É nesse ambiente que a vida segue, entre o perto e o longe, entre o molhado e o seco, entre o coberto e o descoberto. É o ambiente natural em várias dimensões que a criança se engaja no cotidiano.

Crianças com acesso a ambientes naturais são estimuladas para uma vida social ativa e de grande mobilidade e destreza, pois tais ambientes proporcionam uma infinidade de *affordances* prontas para estimular os mais diversos encontros sensoriais e motores (Kytä, 2002, 2006; Peres, 2013; Said, 2017). Atividades ao ar livre, com predominância de elementos naturais conferem, ainda, liberdade para a criança explorar e interagir com os elementos naturais, com pouca restrição e/ou supervisão de adultos. Essa relação com o mundo natural estimula o funcionamento e desenvolvimento de habilidades cognitivas, físicas e sociais entre as crianças (Chawla & Heft, 2002; Fjørtoft, 2001; Gundersen et al., 2016; Kytä, 2002; Said, 2017).

Ao considerar o ambiente como aspecto intrínseco da formação da pessoa, este estudo procura desvelar como as crianças percebem as singularidades desse cotidiano ribeirinho amazônico em que vivem e como elas internalizam as experiências vivenciadas na construção de seu pertencimento a esse espaço socioambiental.

## **Material e Métodos**

### ***Local e participantes***

A escola foi o ponto de escolha dos participantes, pois ali todas as crianças da comunidade convergiam. A única escola da comunidade, pertence à rede municipal, contava com 90 alunos matriculados, distribuídos em diferentes turmas do Ensino Fundamental (EF). A entrevista foi realizada na escola em dias alternados, durante duas semanas em janeiro de 2019, época de enchente do rio. Do total de 90 alunos da escola, participaram do estudo 54 crianças, considerando que algumas faltaram à aula no período da coleta. Essas crianças, 18 do gênero feminino (33,3%) e 36 do gênero masculino (66,7%) tinham média de idade 10 (dp: 2,5).

### ***Procedimento de coleta de dados e análise de dados***

A pesquisa seguiu todos os requisitos éticos e foi aprovada no CAEE 24340819.1.0000.5020, número 3.778.356. Para apreender como são as vivências diárias dessas crianças e, assim, caracterizar seu cotidiano, foi aplicado uma entrevista semiestruturada com questões sociodemográficas e com a seguinte pergunta de interesse para este estudo: “Imagine que uma criança que mora no Sul do país vai se mudar para essa comunidade São Francisco. O que você gostaria de contar para ela, sobre viver aqui?”.

Todas as entrevistas foram áudio gravadas e a aplicação ocorreu em uma sala especialmente preparada para entrevista individual. As informações obtidas foram submetidas à análise de conteúdo (Bardin, 2016). Primeiramente, para apropriação da narrativa da criança, realizou-se uma “leitura flutuante”, a seguir elaborou-se a categorização de unidades de significação com validade interna, as quais



obedeceram ao critério de exclusividade (cada unidade de registro abarca apenas uma categoria) e exaustividade (todas as unidades de registro devem ser classificadas em alguma categoria).

Uma vez alcançada a validade interna, partiu-se para obter a validação externa, isto é, de outros pesquisadores que atuaram como “juízes” ao analisar as entrevistas e validar as categorias emergentes (Bardin, 2016; Maciel & Melo, 2011). O índice de concordância entre juízes foi de 84%, portanto, dentro da margem de aceitação da validade das categorias emergentes.

Com a validação das categorias, calculou-se a frequência dos participantes que se enquadravam em cada uma das categorias e sua relação com variáveis categóricas. Para investigar tal relação foi empregada a técnica de análise de correspondência. Esse tipo de análise possibilita efetivar um mapeamento perceptual, no qual as categorias são evidenciadas no espaço multidimensional (mapa perceptual). A proximidade entre os pontos demonstra a associação presente entre as categorias (Hair et al., 2009).

## **Resultados**

As repostas dadas à indagação “Imagine que uma criança que mora no Sul do país vai se mudar para essa comunidade São Francisco. O que você gostaria de contar para ela, sobre viver aqui?” foram agrupadas em três categorias de percepção do cotidiano daquele lugar, as quais foram nomeadas de: a) singular, b) habitual e c) de diligência. Cada uma dessas categorias se distingue no sentido de ver a vida como ela acontece naquele lugar.

Na categoria “singular” foram alocadas as narrativas expressas pelas crianças que consideram a comunidade como um lugar em que podem realizar suas atividades como brincar, estudar, auxiliar os pais nas tarefas domésticas e de trabalho, contudo, enfatizam os aspectos positivos quando comparado com a cidade, por exemplo. Esse ambiente rural, com certa rusticidade é visto por essas crianças como uma característica que possibilita a proximidade com as pessoas – tanto física, como emocional - e solidariedade entre os vizinhos. Ainda há, para elas, a sensação de segurança e liberdade que confere um apreço sem igual, tornando aquele lugar único para se viver. Tais características manifestam-se nas seguintes narrativas:

“Que é legal, que é um lugar super calmo, que dá pra gente passear não tem ladrão, todo mundo é colega, vizinho um do outro. Tem um bocado de campo de futebol, a gente sai pra brincar toda hora.” (*Menino, 12 anos, 8º ano EF*).

Aqui é muito bom! A gente planta as coisas e tudo que a gente planta nasce. Aqui a gente mora em casas, um pertinho do outro, vizinhos; que quando tá tipo, passando necessidade, a gente pode ir lá com o vizinho que ele empresta, aqui os vizinhos são tudo bom. Aqui tem um bocado de gente pra fazer amizade, muitos amigos, aqui é bem legal (*Menina, 13 anos, 8º ano EF*).

As narrativas postas na categoria “habitual” descrevem a comunidade como um lugar agradável para realização de suas atividades cotidianas. Viver na comunidade, segundo essas crianças, possibilita brincar, estudar, interagir com amigos e familiares, dormir, comer frutas e auxiliar os pais em atividades do dia a dia. Nesse sentido, seu cotidiano na comunidade não apresenta nada de tão distinto de outro lugar, pois é um lugar comum para a criança viver e se desenvolver. Os excertos abaixo personificam as narrativas da categoria habitual:

No dia a dia é trabalhar com o papai, ajudar a mamãe. Ajudo o papai a plantar quiabo e couve. E com a mamãe eu ajudo a arrumar a casa e de tarde eu venho pro colégio. Depois da aula eu vou pra casa encho os balde e daí fico assistindo TV. *Menino, 12 anos, 6º ano EF.*

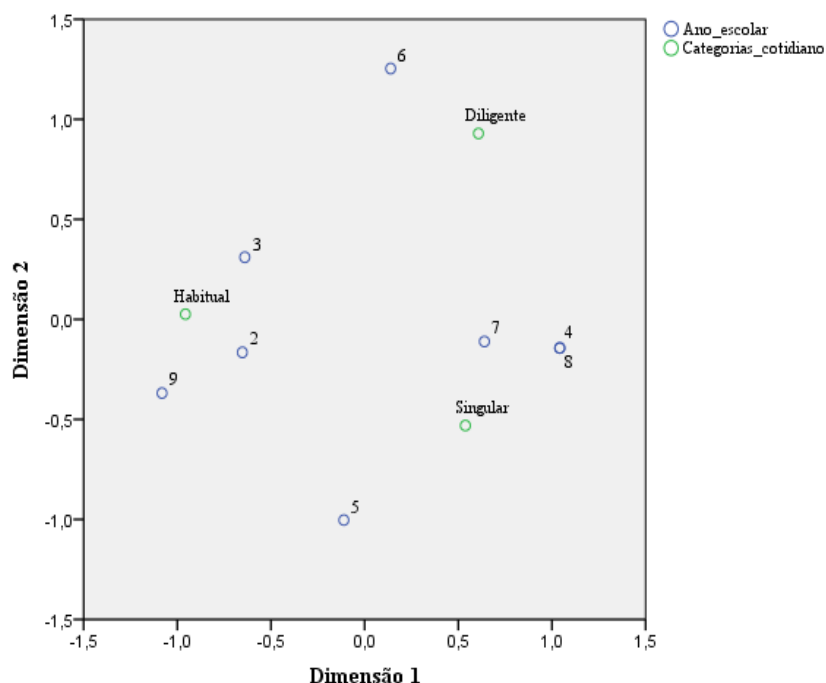
Uhm, viver aqui é, deixa eu ver, meio parada né! Cada um tem uma rotina né, e a minha é mais parada. A minha é em casa, é essas coisas normal... de sempre, deixa eu ver, lavar louça, fazer as tarefas, normal, como uma vida normal, normal como de todo mundo, não é porque aqui é interior que vai ser diferente né!? ... Quando eu acordo, tomo café, lavo louça, faço minhas tarefas, daí depois passa um pouquinho fico lá fazendo nada, assistindo televisão. Aí, à tarde venho pra escola, tomo banho, almoço e venho pra escola (*Menina, 16 anos, 9º ano EF*).

Por sua vez, na categoria “de diligência” estão as narrativas que consideram a comunidade como um lugar em que há demandas próprias de um ambiente onde a natureza se apresenta de forma ubíqua e, por isso, exige certo cuidado e cautela, seja com os ritmos das águas (na cheia e na vazante), com os insetos, com a lama e com os riscos iminentes pela proximidade com água e ataques de animais. Por tais aspectos, requerem uma constante atenção e prudência em suas ações, como foi narrado pelas crianças: “Uhm, eu acho que eu ia contar pra ele que aqui, ao mesmo tempo que tem cantos bons né, cantos que são legais, aqui também a gente tem a dificuldade, né, da enchente.” (*Menino, 13 anos, 8º ano EF*) e “Uhm.... Tem muito perigo ..., tem cobra, tem jacaré...” (*Menino, 12 anos, 6º ano EF*). No caso, tanto a presença indesejável de animais peçonhentos e selvagens, quanto a subida e descida das águas, trazem a essas crianças um cotidiano diferenciado, de perdas e ganhos de espaço que, com ou sem água, com ou sem animais, lhes permite um tipo de rotina.

Inicialmente, constatou-se que 46,3% das crianças caracterizam a vida na comunidade como singular, 33,3% como habitual e 20,4% de diligência. Ao aprofundar a análise, entre as características pessoais, foi possível observar que o gênero não trouxe implicações na forma de perceber suas vivências do ambiente. Contudo a escolaridade (figura 2) e faixa etária (figura 3) revelaram correlações com as categorias de percepção do cotidiano identificadas neste estudo – habitual, singular e de diligência.

**Figura 2**

*Análise de correspondência entre categorias de percepção do cotidiano e ano escolar*

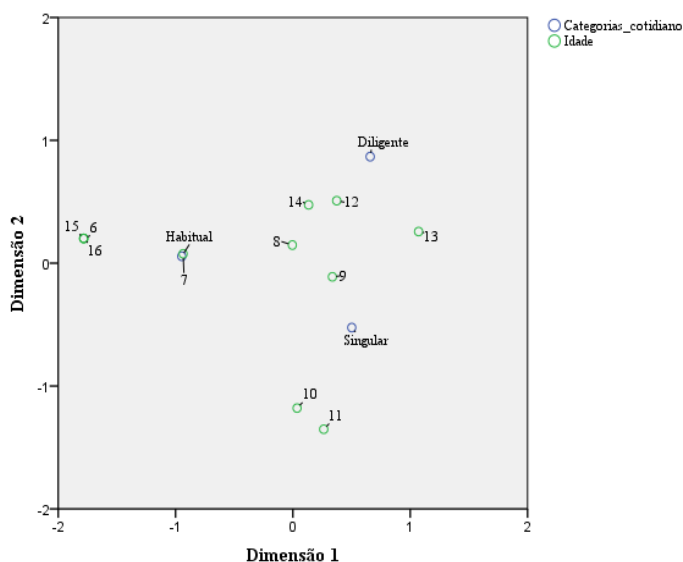


O mapa perceptual revela que a categoria de percepção do cotidiano “habitual” possui forte associação com alunos matriculados no 2º, 3º e 9º ano do Ensino Fundamental (EF). A categoria “singular” indica ligação com alunos matriculados no 4º, 5º, 7º e 8º ano do EF. Já os alunos do 6º ano do EF apresentaram tendência a perceber o cotidiano de modo “diligente”.

Tais dados nos permitem inferir que tanto nos anos iniciais quanto no ano final as crianças percebem a várzea como um ambiente habitual. Isso significa, que a vivência na várzea, bem como as demandas impostas por esse ecossistema, foi interiorizada e naturalizada pelas crianças. Se deduz, portanto, que há tendência de quanto mais jovens são, o cotidiano na várzea é percebido como habitual e, conforme aumenta a idade, esse tipo de percepção deixa de prevalecer, cedendo espaço às demais categorias de percepção.

Considerando a possibilidade de haver distorção entre idade e ano escolar, efetuou-se a análise de correspondência entre as categorias de percepção do cotidiano e idade (figura 3).



**Figura 3***Análise de correspondência entre categorias de percepção do cotidiano e idade*

Observa-se que as crianças mais novas (6 e 7 anos de idade) tendem a perceber o ambiente da várzea como algo habitual, isto é, um lugar agradável para realizar suas atividades cotidianas. Por sua vez, as crianças de 8 a 11 anos de idade tendem a perceber o ambiente da várzea como singular. No entanto, aqueles com idade entre 12 e 14 anos apresentam inclinação a apreender o cotidiano na várzea de forma diligente. Finalmente, com o avançar da idade, entre 15 e 16 anos de idade, eles retomam o modo habitual de percepção do cotidiano.

**Discussão**

Na categoria singular evidencia-se que a afeição pela vizinhança está ligada a existência de uma rede social amigável e cooperativa. O caráter de apego ao lugar está evidente nessas narrativas, confirmando que quanto mais elevado o rol das relações sociais que uma pessoa estabelece em seu cotidiano, tanto maior o apego ao lugar (Moser, 2018). Tais vínculos foram recorrentes nas narrativas, revelando que os participantes se sentem parte daquela comunidade e notificando significativos laços de pertencimento àquele grupo.

A sensação de segurança que a vida em comunidade proporciona, especialmente em comparação a cidade de Manaus, está presente como valor de distinção. Apesar de não terem uma vivência plena com a cidade, as crianças vão eventualmente para Manaus com seus familiares e observam o que acontece por lá. Além disso, tanto as crianças quanto os

adultos fazem amplo uso de comunicação de rádio, internet e de telefonia celular, mesmo que seja um tanto instável. Nesses breves deslocamentos e inconstantes comunicações, as crianças tomam conhecimento da violência presente na capital e distinguem a comunidade com um cotidiano livres dos perigos da cidade.

Nota-se que nas narrativas das crianças alocadas na categoria habitual sobressai o quão normal é viver em uma comunidade localizada na várzea amazônica. Nesse lugar, eles têm acesso à educação, energia elétrica, internet, espaço para brincar e conviver com seus familiares. Embora a sazonalidade do rio implique em algumas mudanças em sua rotina – conforme ressaltado em outras categorias de entendimento, isto está tão naturalizado em seu cotidiano que para tais participantes, esse aspecto ambiental sequer foi salientado.

De modo geral, a infância em ambientes rurais tende a ser percebida categoricamente com um viés depreciativo ou idealizador. Na perspectiva idealizadora observa-se o enaltecimento da infância do campo, em que as crianças correm livre em meio a elementos da natureza e vivem em uma relação de simbiose com a natureza. Sob o prisma depreciativo, a ênfase recai nas dificuldades oriundas da escassez de políticas públicas, condições de trabalho e no desejo de sair daquele lugar (Antunes-Rocha, 2013). Contudo, nas narrativas das crianças com o entendimento de um cotidiano habitual, viver nessa comunidade de várzea não está atrelado a nenhum desses vieses dicotômicos, é a vida como ela é, onde a rotina é como em qualquer outro lugar.

Por sua vez, dentro da categoria de diligência, a adoção de determinadas atitudes e cuidados no dia a dia, nos remete à presença de fatores de pressão ambiental, isto é, as implicações das demandas biofísicas sobre as crianças e as repostas oferecidas - considerando a competência individual de adaptação aos recursos oferecidos pelo ambiente físico (Albuquerque, 2019; Albuquerque et al., 2018; Günther, 2011). Deste modo, a pressão ambiental suscita distintos níveis de estresse ambiental, distintos tipos de respostas cognitivas, emocionais e comportamentais diante de um estímulo ambiental.

A sazonalidade passa a ser um aspecto constitutivo do cotidiano do lugar, ora com vantagens e ora com desvantagens. De qualquer modo, essas crianças manifestam a construção de competências diante deste lugar que lhes impõe constante diligência e habilidades de enfrentamento das pressões que se apresentam em cada variação de espaço e tempo. Embora alguns estímulos ambientais sejam capazes de causar estresse em algumas pessoas e em outras não (Gatersleben & Griffin, 2017), a compreensão e apropriação do espaço vivido desde a infância possibilita a criação de competências sobre essas pressões em função de suas características pessoais (Muchow, 2015).

Os dados evidenciam a tendência de crianças entre 6 e 7 anos adotarem a percepção habitual do cotidiano; entre 8 a 11 anos de idade a percepção que prevalece é singular; de 12 a 14 prepondera a percepção de diligência finalmente, entre 15 e 16 a percepção habitual predomina. Observa-se que tais crianças, à medida em que crescem vão construindo ideias diferenciadas desse lugar e seu respectivo cotidiano, que se inicia como uma vivência habitual, logo se torna singular e a seguir esse cotidiano exige diligência. Ao término desse ciclo, os mais velhos, passam a considerá-lo como um lugar onde o cotidiano é semelhante a qualquer outro.

O fato de os participantes mais velhos manifestarem o aspecto habitual do cotidiano na comunidade de várzea, nos leva a crer que estes, ao conhecerem nuances de outros lugares, consideram que tal comunidade é um lugar de existência tal qual os demais, com aspectos positivos e negativos. É comum verificarmos que na adolescência há uma reelaboração do fluxo de certos construtos emocionais, onde por exemplo, os níveis de vínculo com a natureza, diminuem nessa fase, mas que ao atingirem a idade adulta são novamente retomados, se na infância tiveram sido elevados (Hughes et al., 2019). Assim, os dados demonstram que, em consonância com os achados de Muchow (2015) as crianças têm espaços de vida e modos de percepção do cotidiano de acordo com sua idade, aptidões e escolaridade. Tais aspectos cognitivos vão ganhando contornos que são enriquecidos pelas experiências e vivências afetivas e, assim, vão se constituindo em aspectos de identidade e cuidado desse lugar (Dewey, 2020; Martin et al., 2020; Pinheiro, 2019; Sartor, 2018; Scannell & Gifford, 2010; Uzzell et al., 2002; Vaske & Kobrin, 2001).

Inicialmente o cotidiano nesse lugar é o que é, pois ali se pode fazer o que se deseja. Outros lugares não estão presentes em sua mente, é feliz naquele cotidiano. Na medida em que cresce e sabe de outros lugares, com outros tipos de vivências, percebe que nesta comunidade existe algo que a torna única, que a distingue em termos positivos, tornando-a singular em termos socioambientais. Esse ambiente rural permite vivenciar laços afetivos significativos entre todos os que ali convivem, lhes proporcionando um distanciamento da violência urbana e uma proximidade com outros moradores onde não há restrição de espaço ou tempo para suas atividades. Essas diferentes formas de percepção mostram um amadurecimento e relativização do cotidiano de moradia, mesmo tendo em conta as idiossincrasias do lugar.

Com um pouco mais de anos vividos, a criança já incorpora as distinções ambientais que, mais adiante, pode lhes dar a identidade ribeirinha. Tudo é como outro lugar, pode fazer o que faria noutros lugares, no entanto, a criança reconhece o mundo natural que, ao mesmo tempo em que lhe beneficia, pode ser perigoso, se não for respeitado em suas particularidades. Se na cidade a violência humana exige prudência, na comunidade é a vida selvagem que exige tal cautela. No entanto, é essa natureza que varia sazonalmente que lhes traz alegria e liberdade. Essa percepção presente nas crianças é reveladora de um modo de vida que favorece o que a literatura sustenta, em outras palavras, que a proximidade com ambientes naturais beneficia a formação e fortalecimento de vínculos afetivos com a natureza, que se inicia na infância e se consolida na adultez (Rosa et al., 2018).

Intrigante o fato de que no início da adolescência a percepção do cotidiano no lugar volta à indiferenciação. Porém, há que se considerar que na adolescência surge a tendência em priorizar o estabelecimento de vínculos sociais com pares, e nesse sentido, realizar o desejo de estar num lugar cujas relações sociais lhes são agradáveis é o bastante. Mesmo com essas distinções que acompanham o desenvolvimento das crianças, em todas essas caracterizações do cotidiano na comunidade, prevalece o pertencimento, a apropriação daquele espaço social. As variantes físicas lhe fornecem um cotidiano inédito, mas carregado de afeto e que, mais adiante, pode lhes conferir uma identidade distinta, constituída tanto por experiências iguais e diferentes de outro lugar.

Apreender as percepções das vivências cotidianas desses pequenos cidadãos nos permitem entender processos constitutivos de apego ao lugar, aspectos identitários e tipos de relação criança-ambiente amazônico. Reforça-se que este estudo foi realizado no período de enchente do rio, desse modo a água está ali, na porta da casa e, portanto, ela comanda o cotidiano. Essas percepções mudariam em função da mudança do fluxo das águas, ou seja, durante a seca? Para responder a este questionamento novos estudos serão necessários na época da vazante, e então, compor um entendimento desse cotidiano cíclico que lhes habita e lhes faz ser quem são naquele lugar amazônico. Embora essa fosse a ideia original da pesquisa, não foi possível dar prosseguimento devido a inviabilidade de realizar uma nova coleta de dados, pois no dia 13 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia de Covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, levando autoridades sanitárias e de Estado a decretarem isolamento social.

### **Declaração de conflito de interesses**

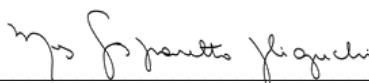
Ao Editor Científico da Revista “Ambiente, Comportamiento y Sociedad”,  
Declaração de Conflitos de Interesse nós, Elisa Ferrari Justulin Zacarias e Maria Inês Gasparetto Higuchi, autoras do manuscrito intitulado “O cotidiano na várzea amazônica percebido pelas crianças” declaramos que não possuímos conflito de interesse de ordem financeiro, comercial, político, acadêmico e pessoal.

Manaus, 13 de abril de 2021.



---

Elisa Ferrari Justulin Zacarias



---

Maria Inês Gasparetto Higuchi

## Referências

- Albuquerque, D. da S. (2019). *A congruência entre a pessoa e o ambiente residencial na perspectiva de crianças e idosos* [Tese de doutorado em Psicologia]. Universidade de Brasília – UnB.
- Albuquerque, D. da S., Amâncio, D. A. R., Günther, I. de A., & Higuchi, M. I. G. (2018). Contribuições teóricas sobre o envelhecimento na perspectiva dos estudos pessoa-ambiente. *Psicologia USP*, 29(3), 442–450. [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642018000300014&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642018000300014&script=sci_arttext&tlng=pt)
- Alencar, E. F. (2005). Políticas públicas e (in)sustentabilidade social: O caso de comunidades de várzea no alto Solimões, Amazonas. In D. Lima (Org.), *Diversidade socioambiental nas várzeas dos rios Amazonas e Solimões: Perspectivas para o desenvolvimento da sustentabilidade* (p. 59–99). Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis Projeto Manejo dos Recursos Naturais da Várzea – ProVárzea/Ibama.
- Antunes-Rocha, M. I. (2013). Prefácio. In I. de O. e Silva, A. P. S. da Silva, & A. A. Martins (Orgs.), *Infâncias do campo* (p. 9–11). Autêntica Editora.
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Calegare, M. G. A. (2012). Questões à Psicologia Social a partir de experiências em comunidades ribeirinhas amazônicas. In A. F. Lima (Org.), *Psicologia social crítica: Paralaxes do contemporâneo* (p. 197–218). Sulina.
- Chawla, L., & Heft, H. (2002). Children's competence and the ecology of communities: A functional approach to the evaluation of participation. *Journal of environmental psychology*, 22(1–2), 201–216. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272494402902446>
- Dewey, A. M. (2020). Shaping the Environmental Self: The Role of Childhood Experiences in Shaping Identity Standards of Environmental Behavior in Adulthood. *Sociological Perspectives*, 64(4), 657–675. <https://doi.org/10.1177/0731121420981681>
- Fischer, G. (1994). *Psicologia social do ambiente*. Instituto Piaget.
- Fjørtoft, I. (2001). The natural environment as a playground for children: The impact of outdoor play activities in pre-primary school children. *Early childhood education journal*, 29(2), 111–117. <https://link.springer.com/content/pdf/10.1023/A%20:1012576913074.pdf>
- Fraxe, T. de J. P. (2000). *Homens anfíbios: Etnografia de um campesinato das águas*. Annablume.
- Fraxe, T. de J. P. (2010). *Cultura cabocla-ribeirinha: Mitos, lendas e transculturalidade*. Annablume.

- Gatersleben, B., & Griffin, I. (2017). Environmental Stress. In G. Fleury-Bahi, E. Pol, & O. Navarro (Orgs.), *Handbook of Environmental Psychology and Quality of Life Research* (p. 469–485). Switzerland.
- Goffman, E. (1975). *Representação do eu na vida cotidiana*. Vozes.
- Gundersen, V., Skar, M., O'Brien, L., Wold, L. C., & Follo, G. (2016). Children and nearby nature: A nationwide parental survey from Norway. *Urban Forestry & Urban Greening*, 17, 116–125. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1618866716301327>
- Günther, I. de A. (2011). Pressão ambiental. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Orgs.), *Temas básicos em Psicologia Ambiental* (p. 290–295). Vozes.
- Günther, I. de A., Nepomuceno, G. M., Spehar, M. C., & Günther, H. (2003). Lugares favoritos de adolescentes no Distrito Federal. *Estudos de Psicologia*, 8(2), 299–308. <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n2/19046.pdf>
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados* (6ª ed). Bookman.
- Harris, M. (2006). Presente ambivalente: Uma maneira amazônica de estar no tempo. In R. Murrieta, C. Adams, & W. Neves (Orgs.), *Sociedades Caboclas Amazônicas* (p. 81–108). Annablume Editora.
- Higuchi, M. I. G. (2003). A socialidade da estrutura espacial da casa: Processo histórico de diferenciação social por meio e através da habitação. *Revista de Ciências Humanas*, 33, 49–70. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/25365>
- Higuchi, M. I. G., Freitas, C. C. de, & Higuchi, N. (Orgs.). (2013). *Morar e Viver em Unidades de Conservação do Amazonas: Considerações socioambientais para os planos de manejo* (1ª ed). Edição dos autores.
- Hughes, J., Rogerson, M., Barton, J., & Bragg, R. (2019). Age and connection to nature: When is engagement critical? *Frontiers in Ecology and the Environment*, 17(5), 265–269. <https://doi.org/10.1002/fee.2035>
- Kyttä, M. (2002). Affordances of children's environments in the context of cities, small towns, suburbs and rural villages in Finland and Belarus. *Journal of environmental psychology*, 22(1–2), 109–123. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S027249440190249X>
- Kyttä, M. (2006). Environmental child-friendliness in the light of the Bullerby model. In C. Spencer & M. Blades (Orgs.), *Children and their environments* (p. 141–158). Cambridge University Press.
- Lima, D. (2005). Diversidade socioambiental nas várzeas dos rios Amazonas e Solimões: Perspectivas para o desenvolvimento da sustentabilidade. In D. Magalhães Lima



- (Org.), *Diversidade socioambiental nas várzeas dos rios Amazonas e Solimões: Perspectivas para o desenvolvimento da sustentabilidade* (p. 337–386). Ibama, Provárzea.
- Lopes, J. J. M., & Vasconcellos, T. de. (2006). Geografia da infância: Territorialidades infantis. *Currículo sem fronteiras*, 6(1), 103–127. [http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/lop\\_vasc.pdf](http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/lop_vasc.pdf)
- Maciel, S. C., & Melo, J. R. F. de. (2011). O uso da entrevista e da análise de conteúdo em pesquisas qualitativas. In M. da P. de L. Coutinho & E. R. de A. Saraiva (Orgs.), *Métodos de pesquisa em Psicologia Social: Perspectivas Qualitativas e Quantitativas* (p. 175–204). Editora Universitária.
- Martin, L., White, M. P., Hunt, A., Richardson, M., Pahl, S., & Burt, J. (2020). Nature contact, nature connectedness and associations with health, wellbeing and pro-environmental behaviours. *Journal of Environmental Psychology*, 68, 101389. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2020.101389>
- Melucci, A. (2005). Busca de qualidade, ação social e cultura: Por uma sociologia reflexiva. In A. Melucci (Org.), *Por uma sociologia reflexiva: Pesquisa qualitativa e cultura*. (p. 25–42). Vozes.
- Moreira, V. F. de M. (2017). *A práxis ambiental na escola rural Professora Francisca Góes dos Santos, Careiro da Várzea, Amazonas, Brasil* [Dissertação de Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia]. Universidade Federal do Amazonas.
- Moser, G. (2003). Examinando a congruência pessoa-ambiente: O principal desafio para a Psicologia Ambiental. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(2), 331–333. [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2003000200016&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2003000200016&script=sci_arttext)
- Moser, G. (2018). *Introdução à Psicologia Ambiental: Pessoa e Ambiente*. Editora Alínea.
- Muchow, M. (2015). The life space of the urban child. In G. Mey & H. Günther (Orgs.), *The life space of the urban child: Perspectives on Martha Muchow's classic study* (p. 61–144). Transaction Publishers.
- Neves, D. P. (2005). Os agricultores de várzea no Médio Solimões: Condições socioambientais de vida. In D. M. Lima (Org.), *Diversidade socioambiental nas várzeas dos rios Amazonas e Solimões: Perspectivas para o desenvolvimento da sustentabilidade* (p. 101–156). Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis Projeto Manejo dos Recursos Naturais da Várzea – ProVárzea/Ibama.
- Peres, P. M. S. (2013). *Percepção da interação criança-natureza por cuidadores no Parque Municipal da Lagoa do Peri, em Florianópolis, Santa Catarina* [Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina]. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107221>

- Pinheiro, L. V. de S. (2019). *Rompendo cercas, construindo saberes: Trabalho agroecológico, vivência e (re) significações nas relações com o lugar* [Tese de Doutorado em Psicologia]. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Rieper, A. (2001). *Imagens do baixo São Francisco: A percepção da paisagem na construção da identidade da população ribeirinha*. [Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente]. Universidade Federal de Sergipe.
- Rosa, C. D., Profice, C. C., & Collado, S. (2018). Nature experiences and adults' self-reported pro-environmental behaviors: The role of connectedness to nature and childhood nature experiences. *Frontiers in psychology*, 9, 1–10. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01055>
- Said, I. (2017). Affordances of Nearby Forest and Orchard on Children's Performances. *Asian Journal of Environment-Behaviour Studies*, 2(3), 13–23. <https://aje-bs.e-iph.co.uk/index.php/ajE-Bs/article/view/184>
- Sartor, A. (2018). *'Children in place': A phenomenography of children's understandings of place, identity in place and looking after place*. [Doctor of Philosophy - Sydney School of Education and Social Work Faculty of Arts and Social Sciences, University of Sydney]. <https://ses.library.usyd.edu.au/handle/2123/18804>
- Scannell, L., & Gifford, R. (2010). The relations between natural and civic place attachment and pro-environmental behavior. *Journal of environmental psychology*, 30(3), 289–297. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2010.01.010>
- Schweickardt, K. H. S. C. (2014). Estado, território e sujeitos sociais emergentes na Amazônia: Algumas reflexões a partir do médio Rio Juruá. In N. Esterci, H. A. de S. Júnior, & M. J. da S. A. Teisserenc (Orgs.), *Territórios socioambientais em construção na Amazônia brasileira* (p. 277–306). 7 Letras.
- Silva, A. T. (2017). *Da lamparina a lâmpada: Estudo das transformações socioculturais e ambientais na comunidade São Francisco da Costa Terra Nova, Careiro da Várzea (AM)* [Dissertação de Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia]. Universidade Federal do Amazonas.
- Stecanela, N. (2009). O cotidiano como fonte de pesquisa nas ciências sociais. *Conjectura*, 14(1), 63–75. <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/cotidiano.pdf>
- Urquhart, J., & Acott, T. (2013). Constructing 'TheStade': Fishers' and non-fishers' identity and place attachment in Hastings, south-east England. *Marine Policy*, 37, 45–54. <http://dx.doi.org/10.1016/j.marpol.2012.04.004>
- Uzzell, D., Pol, E., & Badenes, D. (2002). Place Identification, Social Cohesion and Environmental Sustainability. *Environment and Behavior*, 34, 26–53. <https://doi.org/10.1177/0013916502034001003>

Vaske, J. J., & Kobrin, K. C. (2001). Place attachment and environmentally responsible behavior. *The Journal of Environmental Education*, 32(4), 16–21. <https://doi.org/10.1080/00958960109598658>

Witkoski, A. C. (2010). *Terras, florestas e águas de trabalho: Os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais* (2º ed). Annablume.